SERMÃO

NA FESTA QVE SE FEZ NA collocação da Senhora da Graça em o muro da Cidade de Lisboa, ſaindo em prociſſaõ da Igreja do Socorro acompanhada por particular devaçaõ pella Irmandade dos Eſcravos da Cadea novamente inſtituida, & aprovada no ſerviço da Senhora da Encarnação.

OFFERECIDO

A SERENISSIMA RAINHA DE Portugal noſſa Senhora Regente do meſmo Reyno.

Prégouo o Doctor Hieronimo Peixoto da Sylva Meſtre na ſagrada Theologia, & Conego Magiſtral na Sancta Sè do Porto, em os 10. dias do mez de Iunho de 1657.

EM COIMBRA,

Com todas as licenças neceſſarias.

Na Impreſſaõ da Viuva de Manoel Carvalho, Impreſſor da Vniverſidade Anno de 1664.

A cuſta de Manoel de Figueiredo Mercador de livros.

SERMAÕ

NA FESTA QVE SE FEZ NA
collocação da Senhora da Graça em o
muro da Cidade de Lisboa, sahindo em
procissão da Igreja do Soccorro acom-
panhada com particular devação pel-
la Irmandade das Escravas da Cadea
novamente instituida, & aprova-
da no serviço da Senhora da
Encarnação.

OFFERECIDO
A SERENISSIMA RAINHA DE
Portugal nossa Senhora Regente do mesmo Reyno.

Prègouo o Doctor Hieronimo Peixoto da Sylva Mestre em
sagrada Theologia, & Conego Magistral na Sancta
Sé do Porto em os 10. dias do mes
de Iunho de [illegible].

EM COIMBRA,

Com licença da Inquisição, & Ordinario.

Na Impressão da Viuva de Manoel Carvalho, Impressor
da Universidade. Anno de 165[illegible].

A custa de Manoel Lopes Mercador de livros.

Extollens vocem quædam mulier dixit illi; Beatus venter qui te portavit. Luc. 11.

EVANTOU a voz huma mulher, & disse a Christo Senhor nosso: Bemaventuradas sam as entranhas em que andastes. Assi escreve S. Lucas no Evangelho q̃ agora ouvistes cãtar, que he da Missa votiva da Senhora neste tempo. Com este Evãgelho, & neste dia celebra o zelo de hũa devaçaõ festa à Senhora da Graça, cujo lugar, cujo throno taõ engraçadamẽte lusido lhe tẽ preparado acusto proprio, repetindo hoje com mayor grandeza o q̃ ha muitos annos dispende no serviço desta Senhora, mostrando nos effeitos o affecto, nas obras o dispendio, no cuydado o zelo, na liberalidade o amor, no ornato a devaçam, vòs o vedes, vòs o testemunhais. No Evangelho temos hũ Panegyrico q̃ fez esta mulher devota à Senhora. *Extollens vocem quædam mulier dixit: Beatus venter qui te portavit.* No empenho desta celebridade temos o mesmo, se bem com esta differença, que alli os louvores deu-os hũa mulher à Virgem, ella fez os Panegyricos à Senhora; porẽ aqui os Panegyricos, & os louvores devemse a hũa mulher, a hũa Matrona, que he a que faz a festa, & o dispendio. Nem espereis q̃ a nomee, porque ei de imitar o Evangelista, que sò disse, *quædã mulier,* julgando que a mesma acçam, a mesma devaçam da Senhora o publica, & dà a conhecer mais gloriosamente, que seu nome. Aquella mesma acçāo que a respeito da Virgem he serviço que ella recebe, a respeito de quem a faz, he o nome mais glorioso, que a authorisa. Por isso nem là o disse o Evangelista, nem câ he necessario que o diga o Prègador, & ainda que quizera nam tenho licẽça, preceito sim, que me poz a modestia de quem aviam de ser os louvores.

O que sò he necessario he acudir às obrigaçoens, que saõ muitas, porque me acho obrigado ao Thema, ao lugar, à Festa, à Irmandade. O Thema he do Evangelho que dissemos; o lugar he do Socorro: a Festa he da Senhora da Graça; que hoje vay daqui pera o Muro da Cidade: a Irmandade he dos Escravos da Cadea, que a vem acompanhar. E em tantas obrigaçoens juntas, ou ha de aver muita assistencia de graça, ou ha de ter desculpas a insufficiẽcia. Mas pera que tratemos de tudo, seguiremos no Evangelho os

eccos de hũa voz taõ desempedida nos louvores da Máy de Deos, *Extollens vocem*, & só estas duas palavras nos faram todo o gasto do sermão. Busquemos na Festa que he da Graça, & no lugar, que he do Socorro, o mayor socorro da graça. Roguemos à Irmandade q̃ nolla ajude a alcançar, *Ave Maria.*

TOda a sustancia do Evangelho vem a ser hũa defença de Maria Sanctissima, & de Christo Filho seu, & Senhor nosso. Estavão oppostos os Phariseos ao Reyno de Christo, negavão, & não querião que Christo fosse o verdadeiro Rey de Israel: procuravam desmentir, & encontrar hũa cousa tam certa, huma verdade tã manifesta como ser Christo o Principe natural, & verdadeiro daquelle Reyno;& assi encõtravão no Filho o ceptro,& na Máy a Coroa de Raynha. Resolvese nesta occasiam hũa mulher briosa, & segue a voz de Christo, & da Senhora cõtra os Phariseos, *Extollens vocẽ quædã mulier*, acudindo pello direito que o Senhor, & a Virgẽ tinham. E foi o mesmo tomar a voz por elles q̃ cantarlhe logo os triunfos mais soberanos, *Beatus venter qui te portavit.*

Isto q̃ lemos no Evãgelho temos hoje na circũstancia da fes ta q̃ celebramos. Alli tomou hũa mulher a voz pello Rey, & pella Rainha do Ceo, *Extollens vocẽ:* Aqui a Rainha do Ceo toma hoje tambem a voz de hũ Rey, & de hũa Rainha da terra, *Extollẽs vocẽ.* Quando entre dous, ou entre mais Principes, quando entre hũ Reyno,& outro ha differenças, ha guerras, os q̃ seguẽ, & defendem a cauza de hũ delles, costumais dizer q̃ tomão a sua voz. Este Reyno de Portugal, & o Reyno de Castella ambos estão em guerra; porẽ como està da nossa parte he justa, pois he defender, & cõservar o que he nosso, & de nossos Reys;& da parte do inimigo he injusta, pois he querer tomar o alheo,& possuir o q̃ não he seu, q̃ fez a Senhora vendo a nossa justiça, & a sua semrazão? tomou a voz de Portugal, *Extollens vocẽ*, deixou a voz de Castella, segue o partido dos Portugueses cõtra os Castelhanos està hoje muy Portuguesa a senhora. Não he cõsideração livre minha, senão bem fundada: todos o entẽdeis assi, porq̃ todos vedes q̃ vai hoje a Senhora daqui do socorro pera os muros da Cidade, & sair mais destas q̃ de qualquer outra parte, & irse mais pera os muros, q̃ pera qualq̃r outro lugar, & ser mais neste, q̃ em qualquer outro tẽpo q̃ tẽdes o inimigo na cãpanha, quẽ duvida foi querer mostrar q̃ vẽ de socorro à Cidade, q̃ vai socorrer a este Reyno tomãdo a voz por elle, *Extollẽs vocẽ.* E não he socorro de qualquer

para a guerra. Averà texto que o prove?

He o que ſuccedeo a Gedeão com os ſoldados de ſeu exercito. Chegaram a hum rio, & bebendo todos por aliviar a ſede, huns o fizeram tanto de paſſagem, que lançavam na boca cõ a mam a agua, & eſtes foram tão poucos, que nam foram mais q̃ trezentos; & outros o fizeram tanto de eſpaço, que ſe poſtraram para beber, eſtes foram todos os mais. Entra Deos, & diz: ò lâ Gedeão com eſtes trezentos ſoldados, que com a mam beberam entrai ſeguro na batalha, que só com elles aveis de ter victoria. *In tercentis viris, qui lambuerunt aquas liberabo vos, & tradam in manu tua Madian.* Os outros que de aſſento beberam mandayos para caſa, que nam ſervem para a peleja. *Omnis autem reliqua multitudo revertatur in locum ſuum.* Pois trezentos ſoldados ham de dar batalha aos Madianitas, & nove mil, & ſetecentos ſe hande recolher para caſa? qual he a razão porque ſe eſcolhem aquelles, & reprovam eſtes para a guerra? Deu a com delicadeza Ioſepho a noſſo propoſito. *Qui procumbentes bibebant confidentiores erant, ſcilicet, bibentes poſtrati in terram, nec timentes hoſtem.* Aquelles que de eſpaço, & lançados por terra beberam moſtraram demaſiada confiança, & nenhum temor do inimigo; *qui verò lambebant aquas, bibebant velociter præ timore, & non audebant procumbere terræ, nè gravarentur ſurgere irruentibus hoſtibus*, porem aquelles que de pè aliviaram a ſede com irem confiados, & reſolutos, acautellaramſe receando que o inimigo os colheſſe deſcuidados: por iſſo ſe nam puſeram cõ os vagares dos outros. E gente a quem a demaſiada confiança lhe nam deixa lugar ao receo, naõ ſer ve para a guerra, recolhaſe para caſa, *revertatur in locum ſuum.* Soldado que ſoube confiar, & temer, & em quem nem a confiança paſſou a demaſia, nem o temor a exceſſo, eſſe he bom ſoldado, ſerve para a fronteira, para a campanha, *in tercentis viris, qui lambuerunt aquas liberabo vos.* Bom he confiar no valor de portugues, & no patrocinio da Virgem, que hoje ſahe a ſocorrernos, mas tambem he conveniente temer a induſtria do inimigo, que ſe a confiança vos fizer valentes, o temor fazvos acautellados. A confiança demaſiada he muita temeridade, o temor exceſſivo he muita cobardia, & tudo he arriſcado na milicia. Avemonos de aver à imitaçam da Senhora, que confiou, & temeo unindo a confiança ao receo, *turbata eſt, ne timeas:* porque aſſi eſtà ſeguro o valor, eſtà advertida a cautella, eſtà logrado o acerto.

Iudic. 7.

Ioſephus.

Extollens vocem. Levantou altamente a voz esta mulher do Evangelho. Entre tantos inimigos quantos o Senhor, & a Virgem tinham contra si como se atreveo a levantar a voz hũa mulher? Nam fallara mais baixo, & menos resoluta? Nam, hum expositor com Sam Boaventura, porque acudia pella verdade, & pella justiça: *quod factum est ad veritatis comendationem*. Olhay. Ha voz de justiça, & voz de sem razam; verdade seja que esta ultima costuma ser a que mais vezes se ouve, porque de ordinario sam mais os desarrezoados, que os justificados; ha, como digo, voz de justiça, & ha voz de sem razam; a voz de sem razão he huma voz timida, huma voz cobarde. Desta qualidade foy a voz dos Israelitas, que em certa occasiam senam atreveram a erguer, nem a levantar a voz como disse Ieremias, *Adhaesit lingua lactentis ad palatum eius*; pegouselhe a lingua, & nam puderam, nam se atreveram a fallar. A voz de justiça he muito valente, muito confiada: tal foy a voz de Abel, que justa, & altamente clamava, *vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* E como a causa de Christo, & da Senhora era de justiça, & de razam, teve valor huma mulher para erguer, & leuantar a voz, *Extollens vocem quaedam mulier*; sem medo, sem receo, sem perturbaçam, porque era voz q̃ clamava pella justiça, pella verdade, *quod factum est ad veritatis comendationem*.

Silu. tom. 3. lib. 5. q. 6.

Thren. 4.

Gen. 4.

Ah Portuguezes, que este he o tempo de levantarmos tãbem a voz, porque he toda de justiça a causa de nossa patria. Levantemos, levãtemos a voz, para nos advertirmos huns aos outros a obrigação natural de nossa defença, tam achada sempre no valor de vossos antepassados, & tam conhecida em toda a parte do mundo. Levantemos a voz para dizer, & desenganar a Castella que nos não falta animo para segurar a conservaçam deste Reyno. Levantemos a voz, para que façamos calar ao Castelhano, cujas vozes sam vozes de sem razam, pois sem razam nos faz esta guerra. Levantemos a voz com alento, jà que nossos irmãos defuntos, os soldados digo, que morrem nas fronteiras a estão levantando com fineza. Notai; *vox sanguinis fratris tui clamat de terra*. O sangue de Abel jà morto era o que bràdava; aquellas vozes eram daquelle sangue. O sangue dos que entregam a vida pella defençam da patria està clamãdo, està dando vozes para nos despertar. Pois se o sangue debaixo da terra levanta a voz, o que està metido nas veas, porque a nam levantarà? E como póde fallar o sangue que està

nas.

nas veas? como póde dar vozes? como? Fazendo que obrem as mãos finezas. Quereis, Portuguezes, que falle, que tenha voz o sangue de vossas veas? pois obrem vossas mãos no serviço do Rey, & na defençam do Reyno, & logo terà voz, logo bradarà o sangue, testemunhando a mayor utilidade, & o mayor credito: a mayor utilidade de vossa patria, o mayor credito de vossa fidelidade, porque o ser fiel, o ser leal & verdadeiro Portugues, nam consiste no dizer, senam em o fazer, consiste nas obras, nam em as palavras; obray primeiro, entam podereis fallar.

Postullans pugilarem scripsit dicens: Ioannes est nomen eius: apertum est autem illicò os eius, & lingua eius, & loquebatur. Escreveo Zacharias o nome do Baptista, & no mesmo ponto que o escreveo com a mão se lhe desatou a lingua, que atè entam estivera muda. E porque se lhe nam soltou a lingua, & restituio a voz antes, senam depois? Dizem que foy por desagravo de sua fidelidade: fora infiel Zacharias ao que lhe disse o Anjo, emudeceo por castigo, *eris tacẽs, & non poteris loqui*; & tanto que obrou a mam, *scripsit*, provou de fidelidade, entam levantou a voz, *apertum est illico os ejus, & lingua eius, & loquebatur*: he doutrina certa: mas eu inda pergunto. Se a noticia do nome do Baptista em Zacharias ha de ser exame de sua fidelidade, publiqueo com a lingua, & não com a mam. O deixai, que o credito de hũa fidelidade nam se vè na lingua, vesse nas mãos, nam em as vozes, senam em ás obras. Nam he fiel quem diz que o he, senam quem mostra sello. Blasonais de muito fiel ao Rey, de grande fidelidade à patria; se a nam provais com as obras, he como que se nam fora: que quem poem a fidelidade sò na lingua, arriscado està a se mostrar infiel, como aconteceo a Pedro em casa do Pontifice. Tinha blasonado o Apostolo de muy fiel a Christo; *etiam si opportuerit me mori tecum, non te negabo*, chegou a occasiam, & muito leve, faltou na fidelidade negandoo por tres vezes. Hase de ver a fidelidade nas obras, & logo as obras daraam voz, & credito à lingua, como vemos em Zacharias, que fallou depois que teve obrado, depois que escreveo o nome de Ioam, *scripsit, apertum est autem illicò os eius, & lingua eius, & loquebatur.* Obrou Zacharias escrevendo, & logo fallou tam confiado, q̃ grangeou nam sò credito a suas palavras, mas conceito superior para seu filho, *posuerunt in corde quis putas puer iste erit.* Escrevestes, Portuguezes, jà o nome de JOAM IV. de eterna, & doce memoria quãdo o acclamastes,

Luc. 1.

Matth. 26

escrevei agora o nome de Affonso filho seu, & Rey nosso natural, naõ sò no coraçam com amor, mas na campanha com o sangue, & vereis o credito que vossas palavras grangeam, nam sò de fidelidade para vòs, mas de applauso, & admiraçam para vossos filhos, que serà tal que em qualquer parte do mundo digam os que virem hum Portugues, *quis putas vir iste est*: obrai finalmente, obrai, & dareis cõfiança a vossa voz, quẽ fallarà como justificada, assi como a do justo Abel, *vox sanguinis*, como a da nobre mulher do Evangelho, *Extollens vocem*, & como a da Senhora da Graça, que hoje vẽ de socorro a este Reyno para o defender tomando por elle a voz, *Extollens vocem*.

Ora supposto que a Senhora vem hoje para defendernos, quaes seram os soldados com q̃ segura nossos muros, & que militam debaixo de seu Estandarte? Todos cuidaràm, que sam os soldados pagos que assistem nas fronteiras, eu digo que não he essa a gente, nem esses os soldados com que a Senhora nos defende; sabeis quaes sam? Sam os Escravos da Cadea que hoje nos traz de socorro a Senhora; com esta gente, com esta soldadesca segura a Virgem o partido de Portugal, & fica mais seguro, & melhor defendido o Reyno com estes soldados, que com os outros; porque naõ saõ soldados pagos, ou saõ sòmente pagos de seu affecto. Ha huns soldados que para servirem se lhes paga, estes sam os soldados das fronteiras: ha outros, que elles saõ os que pagaõ para que os deixem servir; estes saõ os Escravos da Cadea, que ao alistar na companhia da Senhora offertam suas pessoas, & cada anno depois lhe estão pagando hum tributo, para continuar no serviço. E assi sam soldados que servem livres, & nam forçados, porque supposto se prendem com os laços desta cadea, & professam a escravidam mais perpetua, com essa mesma prizam concorda sua liberdade: a razam he, porque a esse grilham se entregam voluntarios.

Grande, como difficultosa questam ha entre os Theologos, sobre conciliar a liberdade de Christo com a infalibilidade de sua morte, & fundase a duvida em que de huma parte tinha Christo preceito para entregar a vida pella redempçam dos homens, *Sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio*: o preceito do Pay era ley ao filho. Hum preceito de hum grilham, huma ley he huma cadea; estava Christo como atado às obediencias da ley, estava obrigado a morre por nam faltar ao preceito. Da outra parte avia merecimento na morte, porque morrendo Christo mere-

Ioan. 14.

ceo

ceo nosso resgate de todo rigor de justiça: o merecer suppoem liberdade. Para as açoens serem meritorias ham de ser livres: dahi vem, que o que necessariamente se obra faltando o exercicio do voluntario, nem he culpa, nem he virtude, porque pellos actos necessarios, nem se merece, nem se desmerece; tudo isto he doutrina certa, & Theologia assentada. E assi o Senhor como pella fineza de sua morte nos mereceo a eterna vida, avia de obrar livre essa fineza morrendo voluntariamente. Pois se tinha o grilham forçoso do preceito, como podia morrer livremente? Se por observancia da ley naõ podia escusar a morte, como entregou livre, & voluntariamente a vida? E nam he esta duvida fundada só na certeza da Theologia, mas tãobem na verdade das Escrituras.

Diz Christo Senhor nosso assi no capitulo decimo de Sam Ioam, *Ego pono animam meam, nemo tollit eam à me, sed ego pono eam à me ipso, & potestatem habeo ponendi eam, & potestatem habeo iterum sumendi eam: hoc mandatum accepi à Patre meo.* Entrego a vida voluntariamente pellos homens, nam he força, mas vontade propria o que a isso me leva, porque tenho poder, & liberdade para entregarme huma vez à morte, & para depois me tornar a restituir à vida. Este he o preceito que recebi de meu Pay. Difficulto? Se tem preceito para aver de morrer pellos homens, como diz que entrega a vida liberal, & voluntariamente porque quer? O preceito obriga; a obrigaçam parece que encontra a liberdade: Pois se està obrigado, como executa livre? Se tem o grilham forte do preceito, *hoc mandatum accepi*, como logra os poderes da liberdade no voluntario, *ego ponam eam à me ipso, & potestatem habeo ponēdi eam?*

Ioan. 10.

Para soluçam de huma, & outra duvida ensinaõ os Theologos, que de duas maneiras póde ser hum acto necessario: ou por necessidade a que chamam *necessitas antecedens*, necessidade antecedente, & esta tira toda a liberdade do acto, porque se pos a obrigaçam sem nenhuma advertencia à vontade daquelle a quem se obriga. Ou por necessidade a que chamaõ *necessitas consequēs*, necessidade consequente, & cõ esta pòde estar juntamente a liberdade do acto, porque precedeo primeiro o voluntario de quem asseitou porque quis a obrigação. E assi supposto que o Senhor estava obrigado ao preceito de dar por nòs a vida, com tudo deu a cõ merecimēto, & com liberdade perfeita, porq̃ aceitou antecedentemēte volun-

voluntario, & se offereceo porque quis *oblatus est quia ipse voluit:* foi livre no que obrou com ser obrigado ao preceito, porque livre, & voluntariamente o aceitou, & a obrigaçam que delle se seguio nam tirou a liberdade do acto; porque entregarse Christo ao laço dessa obrigaçam, foi exercicio de seu voluntario.

Eis ahi o que eu dizia dos Escravos da Cadea. He bem verdade que pello grilham que tomam de Escravos da Senhora por toda a vida; ficam sujeitos como obrigados; mas tambem he certo que sam muy livres, porque tomaram essa obrigaçam, entregaramse a essa cadea voluntariamente porque quiseram. Por isso eu dizia que fica Portugal de melhor partido com elles, sendo voluntarios no servir, que com os soldados pagos, pois he certo; que os que para servir esperam que lhe paguem, levaos o interesse, os que livres, & voluntarios se offerecē, levaos o amor. Servir interessado nos estipendios da paga; ò que certas estam as faltas! servir obrigado sòmente do zelo, ou da affeiçam, ò que seguras estam as finezas! Nam provo isto, porque o supponho. Acudo a hũa instancia que se me poem.

Os Escravos da Cadea estam alistados na companhia da Senhora da Encarnaçam, & nam da Senhora da Graça, porque debaixo do titulo da Encarnaçam està instituida a Irmandade dos Escravos da Cadea. Logo nam sam estes os soldados com que a Senhora da Graça nos quer assegurar as victorias. Sim sam, & nam sam outros. Vejam. Os Escravos da Cadea, sendoo da Senhora com o titulo da Encarnaçam, o sam juntamente seus com o titulo da Graça. Eu o mostro com evidēcia. O motivo que ouve para se instituir esta Irmandade foy a correspondencia, que os devotos quiserão fazer à Virgem na humildade com que se ouve no mysterio da Encarnaçam do Verbo Eterno, quando se confessou por escrava do Senhor; *Ecce ancila Domini.* E como entam a Virgem se publicou escrava do Senhor, hoje se fazem os devotos escravos da Senhora. Nesse mesmo tempo, nesse mysterio mesmo da Encarnaçam se lhe deu à Virgem o titulo da Graça, *Ave gratia plena.* Duas cousas, & ambas soberanas, ouve naquelle mysterio, ouve confessarse Maria por escrava do Senhor, & ouve publicalla o Anjo por Senhora da Graça. E como alli se juntou a fineza de escrava com o titulo da Graça, nam ha que duvidar que os Escravos hoje da Cadea o sam igualmente da Virgē por ambos os titulos, assi pello da Encarnaçam, que representa o mys-

Luc. 1.

mysterio, como pello da graça, que nelle se lhe deu. Por isso quando a Senhora da Graça sahe hoje a campo vem acompanhala os Escravos da Cadea; assistem neste dia, porque sam soldados desta Senhora. E com elles trata hoje a Virgem de segurar nossas praças, & defender nossos muros. E tenho satisfeito à duvida q̃ se me pos, mas ainda não estou livre de outra nova instancia.

Supposto que os Escravos da Cadea o sejam tambem da Senhora da Graça, serão Escravos, mas nam soldados; Escravos da Senhora por devaçam, não soldados de valor que defendam o Reyno, porque vem acompanhar com luzes como devotos, & nam socorrer com armas como soldados. He grande duvida esta. Respondo, que supposto os Escravos da Cadea são soldados de Maria, com toda a propriedade se armam com luzes, & nam com ferro. As luzes com que vem sam armas com que ham de vencer; porque são as armas com que a Virgem triunfa.

Huma batalha grande acho escrita no Capitulo duodecimo do Apocalypse. Teve a Sam Miguel contra Lucifer, & seus sequazes, *Factum est prælium magnum in cælo; Michael, & Angeli eius pugnabat cum Dracone*; & no mesmo Capitulo em que Sam Ioam refere esta batalha diz tambem, que appareceo alli huma mulher toucada de estrellas, vestida de sol, calçada de lua: *Mulier amicta sole, & luna sub pedibus eius, & in capite eius corona stellarum duodecim.* Ruperto Abbade notou que viera esta mulher socorrer naquella pendencia a S. Miguel, porque nunca antes de ella aparecer se diz nas Escripturas, que elle tivesse aquelle desafio, *nusquam in tota serie scripturarum ante illum dictæ mulieris partum Michael Archangelus pugnasse cum Dracone, eumque vixisse dicitur.* Pois se vinha de socorro a Sam Miguel, mais conveniente fora chegar vestida de armas, do q̃ cingida de luzes: se quer dar victoria àquelles a quem socorre, venha armada, & nam luzida.

O nam vos espanteis que essa mulher era Maria Sanctissima, disse o lume da Igreja Santo Agostinho, *Nullus vestrũ ignorat mulierem illam Virginem Mariam significasse*, & nam avia de vir armada senam de luzes; que essas são as armas, com que ella rende, com q̃ ella vence. Quereis na Virgem espada que corte? com as luzes corta. Quereis lança que fira? com as luzes fere. Quereis balla que mate? com as luzes mata. Quereis murrião que defenda? com as luzes defende. Quereis peito que guarde? com as luzes guarda. E senam vede o successo com que se lhe logrou o socorro a Sam Miguel,

Apoc. 12.

Rupert.

D. August. lib. 4. cap. 1. tom. 9.

Miguel, *Proiectus est Draco ille magnus*, conseguio victoria de tam valente contrario, venceo o numeroso exercito contra quem pelejava, deulhe a Senhora o triunfo mais glorioso porq lhe assistio com as armas mais luzidas.

De sorte que as luzes saõ armas da Senhora, & da Senhora da Graça muito mais proprias. A luz he hũa opposição das trevas, he o mayor contrario das sombras, porq nem as sombras, nem as trevas podem chegar a donde estiver a luz, nem a luz deixa de vencer, & triunfar das sombras tãto que apparece. Eis ahi retratada a graça da Senhora no rigor de toda a boa Theologia. Que cousa foi a graça em Maria Sanctissima, senam hum respandor, hũa luz divina que desterrou, & afugentou mui anticipadamente as trevas da culpa, & sombras do peccado. Ia mais se vio nellas a Senhora, porq desde o principio de sua Conceição purissima se achou com a luz da graça, inimiga capital, & sempre vencedora das trevas da culpa: sempre foi pura, sempre immaculada, sempre chea de graça, sem aver instante em que se achasse nas trevas, & escuridades do peccado original, porq se armou com a luz da graça, para triunfar das sombras da culpa.

E como as luzes saõ as armas proprias da Senhora da Graça, senão tambem as de seus soldados. E sendo os Escravos da Cadea soldados da Senhora claro està que quando vem socorrer a este Reyno, quando a vem acompanhar a ella neste socorro, hande ser luzes as armas com q vem. O que polidas, & que fermosas armas! ò que valente, & que luzida companhia! Daqui a pouco ha de dar mostra, & ha de marchar em ordem esta cõpanhia de soccorro para os muros. Vereis nos soldados della em cada mam hũa tocha, em cada tocha hũa luz, em cada luz hum rayo: esperai de cada tocha hũ trofeo, de cada luz hũa victoria, de cada rayo hum triumpho.

Aquelles soldados com que Gedeão alcançou victoria cõtra os Madianitas, he muito para notar, naõ dizer a Escritura sagrada que levassem armas, senão que em hũa mão levavam hũa luz, & na outra hũa trombeta, *Tenuerunt senistris manibus lampades, & dextris sonantes tubas.* Iudic. 7. Supposto que hiam a brigar, parece que aviaõ de levar em hũa mão a espada, & na outra o escudo, porem luzes, & trombetas? Sim: as luzes foram as armas que lhe deraõ a victoria, as trombetas o instrumento com que a festejaram: hiam com as luzes tam certos do triumpho, que levavão jà os clarins do applauso, porque foram aquellas luzes a melhor espada, *tenuerunt*

quer sorte, porq̃ toda a boa sorte està certa no socorro de Maria.

A Senhora tẽ no governo este imperio, ou este valor nas armas, q̃ aparecendo nos muros dos amigos defendeos, avistãdo os muros dos inimigos, arruinaos. Ioricò, & Hierusalẽ o digão. Estava a Cidade de Iericò fechada, & posta em defença cõtra o poder de Israel, sahio a Arca do Sñor registoua toda, *circuivit Arca Domini civitatẽ*, & cahirão no mesmo ponto os muros *muri illicò corruerunt*. Estava em apertos grãdes Hierusalẽ, entrou nella a Arca, segurou a cidade, defẽdeua. Qual foi esta Arca do Senhor, senão Maria Sanctissima, diz S. Ambrosio, *Arcam quid, nisi sanctã Mariã diceremus*? E qual podia logo ser o effeito ẽm ambos os successos, senão o q̃ temos dito? Saindo a Arca cõtra a cidade, vẽcea, saindo a favor da cidade, defendea: avista os muros de Iericò, q̃ erão dẽ inimigos, & dà cõ elles em terra: assiste nos de Hierusalẽ, q̃ eram de amigos, & seguraos. Vay esta divina Arca porse nos muros de Lisboa? pois vai defender a cidàde, & cõservar o Reyno, tomando por sua cõta a defença, & segurãça delle. Temei muito q̃ a Virgẽ se ponha cõtra vós; alegrai vos muito q̃ se ponha contra vossos inimigos, porq̃ a quẽ Maria assiste, vẽce, cõtra quẽ peleja, rendese.

Iosu. 6.

D. Ambros.

Pouco partido era o de Iacob naq̃lle celebre conflicto *Ecce vir luctabatur cum ea*, pouco partido, porq̃ era mui desigual o poder; deulhe a conhecer a desigualdade bẽ a custa sua o valor de seu cõpetidor, *Tetigit nervum eius, & statim emarcuit.* Apparece dahi a pouco a Aurora, & aquelle q̃ atè ali desenrolava tropheos de vẽcedor, perdeo despojos como vencido, *Dimitte me, iã enim ascẽdit Aurora*. O valente, q̃ ainda agora ganhou triumphos, agora entrega despojos? Iacob q̃ à tam poucas horas se vio rendido, agora vẽce? Si, q̃ sahio a Aurora, ou sahio Maria por parte de Iacob, *Iam enim ascendit Aurora*: & quando Maria assiste, dai por seguro o partido de Iacob inda q̃ desigual no poder, & dai por vẽcido ao cõpetidor, posto q̃ avẽtejado nas forças, *Dimitte me.*

Gen. 32.

E como hoje sahe esta Aurora da madrugada assistir aos muros de nossa Patria, daya por segura, daya por defendida, pois he certo q̃ com a Virgem nos muros, & portas da Cidade, tẽdes porta aberta a toda a ventura, & tẽdes porta fechada a todo o infortunio; porq̃ ella vos ha de abrir a porta pera entrar toda a felicidade no Reyno, & ella vos ha de fechar a porta pera q̃ não entre nenhuma desgraça nelle. Se experimentastes alguma poucos dias ha na perda de Olivẽça, naõ vos desanimeis, naõ temais, que perder hũa praça não he descredito, nem he ruina: naõ he descredito das ar-

mas, porque nam ha guerras sē ganhar,& perder graças,muitas tendes ganhadas ao Castelhano depois de vossa restauraçaõ glo riosa, esta he a primeira que per destes,& se hoje a perdeo vosso descuydo, à menhãa a pode cobrar vosso valor. Nam he ruina; porque os Reynos, & as Monarchias naõ se acabam, não se destroem com perder huma praca, com perder hum exercito sim. A perda dos exercitos he ruina das Monarchias, a perda de huma praça nam, porque perdida a gente nam ha com q̃ defender as praças,& perdida a praça podese restaurar com a gente. Em resoluçam em Portugal ha portugueses não sò pe ra defender este Reyno, mas pe ra conquistar os estranho, cõquistaremos o de Castella, que pera defender o de Portugal basta sò hũa mulher, que assi o vistes jà nos campos de Algibarrota, & assi o vemos em o nosso Evangelho, que hũa mulher, *quædam mulier*, defendeu a Christo o seu dereito. Nem vos pareça que he cazo o governar hoje este Reyno huma mulher faltandolhe tantos Principes, tantos homens no melhor de suas idades, & de tantas partes, que nam sò hum Reyno, mas muitos mundos poderam fundar seguramẽte nelles suas melhoras. Nam vos pareça, digo, que he cazo governar, & mandar hoje hũa mulher, porque senam acham estes nas acçoens divinas, & quer Deos mostrar sem duvidas ao mũdo, que a restauração de Portugal foy propria sua, & obrandoa por hum homem a quem pertencia o direito delle, o quer conservar nos mayores apertos por hũa mulher, mas mulher tam proporcionada à grandeza delle, que na capacidade, no va lor, na piedade, na disposiçam, na justiça, na liberalidade, & em tudo finalmente vence a na tureza, & iguala aos Varoens todos, que hum só destes talentos fez famosos. E sobre tudo tendes agora a Senhora da Graça, que vem a darvos alento, & defender este Reyno tomando a voz de Portugal, *Extollens vocem*.

Vejo que me dizem, que os triumphos bellicos, os patrocinios na guerra pareceriam mais certos,& mais accomodados se a Senhora tivera o titulo da batalha, da palma, ou da victoria, porem o titulo da Graça nam parece que promette o que temos dito. Respondo que a Senhora com nenhum outro titulo, senam com o da Graça podia melhor tomar as armas a nosso favor, porque une bem com o appellido da Graça as valentias da guerra.

Pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis ut castrorũ acies ordinata. Vòs Senhora, diz o divino Spirito no livro dos Cantares, sois bella

Cant. 6.

la como a Lua, sois fermosa como o Sol, & sois valente como hum bem formado Exercito de soldados. Se lhe chama fermosa como a Lua, engraçada como o Sol, para que diz que he forte como hum Exercito? Nam parece muy conforme applaudir valente à Senhora quando a encarece luzida. Ora notem. Comparar aqui o Senhor a Virgem com a Luâ, & com o Sol foy mostrar a pureza, & graça de que estava ornada; porque assi como naquelles dous Planetas tudo foy luzido em sua criação, assi na Virgem tudo era luzido; tudo engraçado em seu nascimento: assi como o Sol, & como a Lua pella singularidade com que foram criados erão senhores da luz, assi a Virgem pello privilegio com que nascera era Senhora da Graça, que nenhũa outra cousa he que hũa luz sobrenatural, que nella desterrou as sombras da culpa. Assi? Pois bem dito està que essa Senhora que o he da Graça, he juntamente hum exercito de guerra, *terribilis ut castrorum acies ordinata*, porque como pella graça com que nasceo entrou logo vencedora triunfando da mesma culpa, ao titulo que hoje tẽ da Graça junta com propriedade os creditos de valente. Por isso quando o Senhor lhe confessa o titulo da Graça nos encomios de Sol, & Lua, *pulchra ut luna, electa ut sol*, lhe canta os applausos de valor na semelhança de hum exercito bem formado, *terribilis ut castrorum acies ordinata*, juntando na Senhora as galhardias de valerosa ao titulo de engraçada, unindo o valor ao titulo, as valentias ao credito, os triunfos ao nome, emfim o poder à Graça. Logo bem dizia eu, que a este titulo, a este appellido, à Senhora da Graça podiamos, ou deviamos fiar melhor a defença de Portugal, a conservaçam do Reyno, & as victorias contra os inimigos delle, contra quem, & por quem, por nòs, & contra elles vemos hoje sáir de soccorro a Senhora tomando, & seguindo a voz de Portugal contra Castella, *Extollens vocem:*

E estando por nòs a Senhora da Graça, ou a Graça da Senhora nada mais he necessario, nenhũas outras armas avemos mister *Sufficit tibi Paule gratia mea.* Paulo bastâvos a minha graça, disse Christo hum dia a S. Paulo; na occasiam em que elle se vio mais apertado pella guerra q̃ lhe fazia o mayor contrario: *sufficit*, bastâvos a graça? E pois que mais tinha Paulo com que poder defenderse para que lhe diga o Senhor que sò bastava a graça, & que nada mais lhe era necessario? Olhai para Paulo verlheeis na mão hũa espada, & acode Deos dizendo: a vòs que tendes a minha

2. Corint. 12.

gra-

graça nam vos he necessario espada, porque aonde a graça està, nam sam necessarias armas, *sufficit tibi gratia mea*. Isto disse o Senhor a Paulo, & isto mesmo està hoje dizendo a Senhora a Portugal: Estais em guerra Portuguezes? Pois a minha graça vos basta para vencerdes, para vos defenderes, *sufficit tibi gratia mea*. Assi he Senhora, assi o cremos: & assi o esperay Portuguezes, que assi o vereis. A Paulo bastou a graça do Senhor para vencer, a vòs bastavos a graça da Senhora para triunfardes. Paulo porque tinha por si a graça do Senhor estava seguro, vòs q̃ tendes por vòs a graça da Senhora não tẽdes que temer.

A Maria Sanctissima disse o Anjo que nam temesse porque tinha da sua parte a graça do Senhor, *Ne timeas Maria invenisti enim gratiam apud Dominum*. E se a Virgem porque estava por ella a graça do Senhor nam tinha que temer, quando temos por nòs a graça da Senhora nam temos que recear. Por mais difficuldades que se lhe representaram à Virgem no particular daquelle mysterio tudo facilitou a assistencia da graça: por mais que se vos antojẽ difficuldades na conservaçam do Reyno, & nos triunfos, que desejais conseguir de vossos inimigos, nam temais; nam receis, que tudo vos

Luc. 1.

assegura a protecçam da Senhora da Graça. *sufficit tibi gratia*.

Porem eu noto que a Senhora supposto que o Anjo lhe persuadio alentos, ella mostrou algum receo, *turbata est*. Assi foy, porque assi devia ser. Não convinha que o temor fosse grande, isso lhe persuade o Paraninfo, *ne timeas*; mas convinha que ouvesse algum receo, esse mostrou a Virgem, *turbata est*. Huma, & outra cousa foi na Senhora mysterio, em nòs vem a ser conveniencia: convem que se temam os successos da guerra, porque sam varios, mas nam convem que se temam muito. Aja algum temor, porque a confiança demasiada nos nam arrisque as victorias, mas nam aja muito temor, porque a grande desconfiança nam seja porta às desgraças. Quem teme seu cõtrario acautellase: quem o teme muito desconfia: acautellar sempre foy prudencia que encaminhou a acertos, a muita desconfiança serve de tropeço a huma boa fortuna. Em duas palavras: nam ha de faltar cõfiança, nem ha de faltar temor: nam ha de faltar confiança, porque o temor nam venha a ser com excesso, & nam ha de faltar algum temor, porque a desconfiança não passe a demasia, que nem o temor excessivo, né a confiança demasiada servem

para

senistris manibus lampades: clamaveruntque: gladius Domini, & Gedionis; nam fizerão mais, que apparecer com as luzes nas mãos à vista dos contrarios, chamandolhe espada, & logo conseguirão a victoria mais gloriosa, o triumpho mais luzido.

Quando Debora, aquella valente mulher do povo de Israel, venceo, & desbaratou o numeroso exercito que governava Sizara, diz o Texto, que as estrellas brigarão em seu favor, & contra os inimigos, *Stellæ manentes in cursu suo adversus Sisaram pugnaverunt.* Eu não me maravilho de que saissem a pelejar as estrellas, porque era justo saissem quando sahia Debora. Olhay: Debora era hũa senhora, huma matrona viuva, q̃ naquelle tempo governava o Reyno de Israel, *Erat autem Debora prophetis uxor Lapidot, quæ judicabat populum illo tempore:* estavão por sua conta, & à conta de seu governo todas as cousas daquelle Reyno, *ascendebantq; ad eam filij Israel in omne iudiciũ:* a ella tocavão os negocios da paz, & os cuidados da guerra & tudo dispunha com acerto, cõ justiça, & cõ igualdade. E està muy posto em razão, que quando Debora governa o Reyno, & dispoẽ a guerra, sejão as estrellas as primeiras q̃ sayão a pelejar. Quando hũa mulher por defẽder os vassallos se empenha na cãpanha, he justo, q̃ as estrellas, os grãdes, os mayores tomẽ tambẽ as armas. Em quãto as cousas do Reyno estam por conta do Rey pódese permittir hũa falta nos vassallos; mas quãdo corrẽ por conta de hũa Rainha, saõ muito mais devidas as assistẽcias, & as finezas; toda a boa razão o pede. Vejamolo em hũ exẽplo natural. Nessa Monarchia celeste sahe o sol, & não apparecẽ estrellas em sua cõpanhia: sahe depois a lua, & sahem cõ ella as estrellas. Dõde nasce esta differença? Diga cada hũ o q̃ entẽder, eu digo, q̃ a razaõ he, porq̃ o sol he Principe, he o Rei das luzes, a lua, a Rainha dellas. Acaba, & fenece o sol, entra no governo a lua, ò sol de Ioam, & q̃ saudades nos deixas quando feneces! ò lua de Luisa, & que de alivio nos dàs quando lhe substitues! Acaba, digo, & fenece o sol, entra no governo a lua, & que faltem as estrellas quando reina o sol, passe, que he Rey & pódese dissimular essa falta; mas que ajam de faltar quando governar a lua, isso nam, que he Rainha, & nam he para sofrer nas estrellas o minimo descuydo. Por isso me nam admiro, como dizia, de q̃ saissem a pelejar as estrellas quando Debora governava as armas, *stellæ manentes in cursu suo adversus Sisarã pugnaverunt.* O em que reparo he dizer o Texto, q̃ pelejavão as estrellas estando em sua occupação natural, *manentes in cursu suo.* A occupaçaõ natural das estrel-

Iudic. 5.

las he alumiar, he dar luz, he luzir a terra, para isso foram criadas no Ceo em o principio do mundo, *Posuit eas in firmamento Cæli, ut lucerem super terram.* Pois se estavão communicando luzes, que era a sua obrigaçam, *Stellæ manentes in cursu suo,* como pelejavam contra Sisara, & seu exercito, *adversus Sisaram pugnaverunt?* Por isso pelejavão, & veciam, porque estavam dando luzes, & ellas ao compasso de sua obrigação: as luzes com q̃ sahiam eraõ armas com que defendiam a huns, & destruiam a outros, defendiam aos amigos, destruiam aos inimigos, brigàvam com luzes, venciam com resplandores: quando sam estrellas os que pelejam de que ham de vir armados, senaõ de luzes? Com estas armas pelejaram, & venceram as estrellas, *stellæ manentes in cursu suo adversus Sisaram pugnaverunt.* Com estas sairaõ, & vẽcerão os soldados de Gedèão, *tenuerunt senistris manibus lampades;* Com as luzes da graça venceo a Senhora as trevas da culpa. E com estas mesmas sahem, com estas hande vencer os soldados de Maria, os Escravos, digo, da Cadea; que com as mãos cheas de luzes *tenuerunt senistris manibus lampades,* postos em ordem *manentes in cursu suo,* vam hoje de socorro para os muros da cidade acompanhando esta divina Debora a Senhora da Graça, q̃ sahe a defendernos, porque tem tomado a voz de Portugal *Extollens vocem.*

Gen. 1.

E se eu me nam engano ainda descubro mais a conveniencia de que as armas com que estes nossos soldados querem defender o Reyno nam ajam de ser outras, senam luzes. A luz tem esta propriedade mui natural, & he que afugenta as trevas, & desterra as sombras. Eis ahi as armas que servem para Portugal. Portugal nenhũ outro inimigo tem mayor, que as trevas, nenhũa outra guerra, senão a que lhe fazem as sombras. Està libertado, està poderoso, tẽ frotas, tem dinheiro, tem amigos; tem uniam; & devendo estar seguro, sabeis sò quem o inquieta? hũas sombras mal assombradas, porque mal nascidas, de que pòde ser, que naõ pòde ser, de quem sim serà, ou que nam serà: E nada disto he receio, mas sam sòmente hũas sombras delle. Esta he hũa qualidade de trevas, & de sombras que fazem dano a Portugal. Ainda tẽ outras, que mayor dano lhe fazẽ, & quaes saõ estas? Sam as trevas dos peccados. Offendese hoje muito a Deos, andão as culpas muy desembuçadas. Os meus, & os vossos peccados, Portuguezes, saõ os mayores inimigos que temos, porque sam as trevas mais escuras em que cahimos. Que importa querer defender o Reyno dos inimigos de fora, se lhe estamos cada ho-

ra metendo os peccados da por ta adentro, que são os inimigos, que mayor bataria lhe dão. Andamos, & procedemos em tudo às cegas, & às escuras, porque vivemos nas trevas dos peccados, *Ambulabunt ut caci quoniam Domino peccaverunt*. E em quanto nesta escuridam estivermos, cada passo que dermos ha de ser hũa queda, cada movimẽto noſſo ha de ser hũ precipicio, que como imos às escuras, erramos o caminho, perdemos o tino. He o que disse David dos peccadores, *Nescierunt, neque intellexerunt in tenebris ambulant*, nam sabem, nem entendem o que obram, porque andam nas trevas do peccado, & tropeça nellas o juizo, desalerta o entendimento. O mesmo nos ha de succeder, ou nos vay jà succedendo a nòs. Não sabemos, nem entendemos a guerra, nam acertamos com as conveniencias do Reyno, nem atinamos com os meyos de nossa conservaçam, *nescierunt, neque intellexerunt*: & isso porque? *In manibus ambulant*, porque andamos às escuras, estamos nas trevas, & sombras mais medonhas das culpas com que offendermos a Deos: & não pòde aver acção, que deixe de ser ruina, nem discurso, que nam pareça ignorancia, conselho q̃ escape de ser errado, porque param as intelligencias nas sombras, fraquea o entendimento nas trevas. Agora vejam, se sam ellas os mayores inimigos, que temos, & os q̃ mayor dano nos fazem. Para desterrar, pois, estas, & aquellas sombras, he necessaria luz com que acabem, cõ que feneção: Esta ha de ser a luz da graça, ou a graça da Senhora, que he toda luz, & por isso sendo o seu titulo da Graça, sahe de socorro, porque o socorro de que temos mais necessidade são as luzes de sua graça para nos livrarmos das trevas de nossos peccados, que são os que nos fazem a mayor guerra. Estas luzes temos tambem nas armas de seus soldados os Escravos da Cadea, que nos ensinam o que devemos fazer para nos melhorarmos, pois quando vem de socorro a Portugal vem com luzes nas mãos em lugar de espada, para que com ellas afugentem de todo as sombras, porque estas são as armas, que servem para Portugal, & estas as com que os Escravos da Cadea o podem melhor socorrer como fazem.

Sopho. 1.

Psal. 81.

E que seguro pòde estar Portugal, que certo nas esperanças de sua conservação, & felicidades tendo em si, & por si os Escravos da Cadea, que tudo lhe asseguram. O primeiro Escravo da Cadea, que no mundo ouve quem vos parece que foy? Foy S. Paulo, que para segurar o cõprimento das felicidades, que o Reyno de Israel esperava, se prendeo com a sua Cadea, como

Act. 28. elle mesmo disse, *Propter spem Israel cathena hac circundatus sum.* O mesmo póde hoje dizer cada qual dos Escravos da Cadea, *Propter spem Lusitaniæ cathena hac circundatus sum*, cingime cõ esta Cadea para segurar o comprimento das esperanças de Portugal.

Mas qual serà a razão, perguntára eu agora, ou me perguntará alguem a mim: qual será a razão, porq̃ no laço desta Cadea, estão seguras as felicidades do Reyno, està certo o logro das esperanças de Portugal? Duas razoens darei. A primeira he: porque pellos laços desta Cadea, se professa humildade, & nam senhorio; eu me declaro. Ha duas condiçoens de laços, ou de grilhoens: hũa pella qual aquelle, em cuja pessoa se vè he reputado por servo: outra pella qual aquelle em quē se acha he por senhor conhecido. E quem aceita o grilham para o reputarē por servo, segura as esperanças do Reyno, porque se obriga Deos da humildade para segurarlhe os successos. Mas quem aceita o laço por insignia de senhor, destroe as esperanças dos seus, porque se desobriga Deos dos favores pello desar da jactancia.

Ioan. 13. Em Christo S. N. vejo hum grilhão, hum laço *Cum accepisset linteum præcinxit se.* Em Zaram *Gen. 38.* vejo outro *Vnus protulit manũ, in qua obstetrix ligavit coccinũ.* Mas notē a differença, q̃ ouve em hũa, & outra parte. Em Christo tudo o q̃ se esperava se vio comprido. Em Zaram nada se comprio do q̃ se esperava. Em Christo esperavase a redēpçaõ, & felicidade maior do Reyno de Israel, & tiverão o melhor logro essas esperãças, porq̃ Israel se libertou, & se vio cheo de felicidades. Em Zaram esperavase a cõtinuaçaõ das glorias do Reyno de Iudà, & não se lograram por elle estas esperãças, porque ao nàscer ficou Zaram atras, & sahio diante Phares, *illo verò retrahente manum, egressus est alter.* Pois em q̃ esteve aqui a differēça de q̃ segurasse Christo aquellas esperanças, & não se lograssē estoutras pella pessoa de Zaram? Bem podia ser, porq̃ hũas fundavãose em Christo, que era Deos, outras em Zaram, que era homem: esperar em Deos he seguro, esperar nos homēs fallivel: bem podia como digo ser esta a causa, mas quero dar a q̃ agora nos serve. Vede vós o q̃ representavão aquelles laços ē Christo, & em Zaram, & tendes entēdido o meu pensamento. Em Christo aquelle laço era final de escravo, porq̃ tomou cõ elle a semelhança de servo, *formam servi accipiens.* *Ad Phel. 2.* Em Zaram aquelle laço era final de senhor, esse foy o intento com que lho puzerão, conhecerēno por maior, & por primeiro, *vnus protulit manum in qua obstetrix ligavit coccinũ dicens:*

iste egredietur prior. O grilham de Christo inculcava nelle apparẽcias de pequeno, *formam servi:* o de Zaraõ promettia nelle soberanias de grande, *iste egredietur prior.* A fim? Pois eis ahi a razão, porq̃ as esperanças de Israel tiverão ditoso logro pella pessoa de Christo, & as esperanças de Iudà naõ tiveram comprimento pella pessoa de Zarão: porq̃ Christo asseguroulhe as felicidades nas apparencias de servo que tomou; & Zaraõ encõtrouas na demostração de Senhor q̃ admittio. Por isso eu dizia q̃ as esperanças de Portugal, & suas felicidades estão hoje bẽ seguras por beneficio dos Escravos da Cadea, porque este grilham, este laço he nelles insignia de Escravos, & Escravos de Maria, com q̃ Deos se dà por obrigado aos favores de sua patria.

A segunda razão, q̃ prometti dar porque os Escravos da Cadea segurão as felicidades de Portugal, he porque soltaõ aos Portuguezes da cadea dos peccados cõ q̃ andão prezos; & tiradas as culpas cõ q̃ a Deos se offende, logo estão certas as felicidades, q̃ o Reyno deseja. E de q̃ modo soltaõ, de q̃ maneira tirão aos outros esse grilham? Direi: soltão aos outros do grilhã mais riguroso, prendendose a si com a cadea mais suave: querome declarar. No mũdo naõ ha ninguem, (ou he muy raro) q̃ nam sinta o mal, inda q̃ nesciamente appetecido de hũ grilham, de hũ laço em q̃ por remate padece o corpo, & periga a alma. Discorrei por todos os estados dos homẽs: vereis a hũs tão prezos da vaidade, q̃ affectão de presũpção, quãto fora melhor de humildade, & o seu grilham a soberba. Vereis a outros tão entregues aos empenhos do gosto, q̃ não podem dar hũ passo nos limites da razão, he o seu grilham o appetite. Alli muy atados aquelles aos avanços da fazenda, sẽ de nada mais cuidar, q̃ como hande enriquecer, he o seu grilhaõ a cobiça. Aqui muy occupados estes no registo, & cẽsura das acçoens alheas, he o seu grilhaõ a ignorãcia. Finalmẽte o ladrã, o symoniaco, o onzeneiro, todos andam prezos, todos atados cõ a cadea mais, & mais pezada da uzura, da symonia, da usurpaçam do alheo. Nam ha maior lastima, porq̃ nam ha mayor miseria. Que hũ homem, q̃ nasceo ingenuo, aja de viver escravo? q̃ hũ homẽ, ou q̃ mũtos homẽs a quẽ Deos cõmunicou o beneficio da liberdade se privem tam injuriosamẽte della, & vivam arrastando infames grilhoens da culpa, ò que lastima! E como assi andam os homens escravos do Demonio, prezos, & maniatados com a cadea dos vicios; que fazem os desta Irmãdade para remediar ao proximo? Prendemse com otro grilham, fazemse Escravos da Virgem,

gem, para que o venturoso desta Cadea seja reclamo, que convide a largar a outra, trocando o grilham que forjaram as culpas pello laço que tem fabricado o amor.

Quem mais atado com a cadea dos vicios, quem mais enlaçado nelles, que a Magdalena? E quem mais venturosamente se desatou da culpa, & se prendeo com Christo, senam a mesma? Pois ainda agora tam entregue ao dano, & jà tam offerecida ao remedio? perdida nos costumes, & achada nas affeiçoens? Sim, que trocou venturosa o duro grilham das culpas pello suave laço de amor, & amor de Christo. Duas cadeas se fizeram para a Magdalena, hũa primeiro, & outra depois: a primeira fizeramna os peccados, *mulier in civitate peccatrix*, a segunda fella o amor, *quoniam dilexit multum*. Arrastava a Magdalena o grilham pezado das culpas, & tanto que o amor divino lhe acenou com o laço, prendeose nelle aos pès de Christo. Rotas, & quebradas quantas algemas lhe tinham fabricado as culpas, *remittuntur ei peccata multa*, fez de cada cabello hum laço, para prẽderse com Christo, *capilis suis tersit*.

Luc. 7.

Assi chama, assi convida o amoroso de hum laço, que fabricam as affeiçoens divinas, que por elle se deixão as duras prisoens, q̃ tinha traçado o vicio: isso fez a Magdalena, & isso mesmo vam hoje fazendo muitos, que largando o grilham dos vicios, correm para a Cadea da Virgem, porque a tanto chega a industria dos Escravos desta Cadea amorosa, que convidam com ella aos prisioneiros da culpa. Por isso eu dizia, que para soltar della aos outros se prenderam a si: para livrarẽ aos outros da servidam do Demonio, se fizeraõ elles Escravos de Maria. E neste beneficio sendo os Escravos da Cadea exemplo para fugir dos vicios, & seguir a virtude, ficam segurando as esperanças do Reyno, as felicidades de Portugal, como cada hũ delles dizia cõ S. Paulo, *Propter spem Lusitaniæ cathena hac circundatus sum*.

Estes saõ, mas nam sam só estes (illustre Irmandade) os beneficios a que deixais obrigado nosso agradecimento. Estes sam, porque estes conhecemos: & nam saõ sò estes, porque outros muytos està prometendo a este Reyno a vossa devaçam. Permittime, que ignore a mayor parte do que vos devemos, jà que sofreis, que nam satisfaça à menor circunstancia de vossos louvores, que estes melhor se declaram ao som dessa Cadea com que vos vejo prezos, q̃ nas vozes do Prègador.

Matth. 7.

Christo nosso bem avendo de fallar nos louvores do Precursor naõ disse todos, disse parte.

te delles, *Capit dicere de Ioanne*: & porque disse parte, & nam disse tudo? Porque naquelle tempo estava o Baptista prezo por amor de Christo, & sendo muitas as excellencias de Ioam, declaravamse melhor rugido daquelles grilhoens, que no artificio das palavras; melhor as explicava o grilham, que a lingua, por isso *Capit dicere*, começou Christo a dizer: mas nam disse tudo. Eu tambem comecei a dizer *Capi dicere*, mas o que disse foi o menos, o mais dizem as vozes desse grilham, com que vos prendestes por amor da Virgem. E com muita propriedade digo q̃ comecei nam sò porque fallando nas grandezas desta Irmãdade he impossivel chegar a dizer tudo, mas tambem porque he esta a primeira vez, que deste lugar se tocaram suas excellencias. E assi quando não deis ao sermão pello soberano do assumpto o titulo de primario, ao menos me nam podereis tirar a mim as glorias de primeiro. *Capi dicere*, comecei, & começãdo acabo comecei a dizer, & acabo de prègar.

Lembrandovos, Senhora, q̃ hũa vez, que tomastes a voz de Portugal contra Castella *Extollens vocẽ*, saindo hoje, como sahis, com tantos, & tam luzidos soldados de socorro para os muros de nossa Patria aonde vos ides pòr, ficam empenhados vosso poder, vosso patrocinio, & vossa graça, & tudo em nosso favor, & abeneficio nosso: Fica empenhado vosso poder em ajudar nossa fraqueza contra os inimigos desta Coroa: coroai de triunfos aos Portuguezes como poderosa nas armas, em quãto nam tirais de tam injusta guerra a mais segura paz. Fica empenhado vosso patrocinio em assistir ao partido deste Reino, fazendo que reine por vòs a justiça com que nos defendemos, & acabe por hũa vez a sẽrazam, & violencia com q̃ nos impugnam. Fica empenhada vossa graça a fazer, que por ella consigamos o Reyno da terra as mayores glorias, & depois no Reyno do Ceo a eterna. *Quã mihi, & vobis prastare dignetur qui cum Patre, & Spiritu Sancto vivit, & regnat, &c.*

FINIS. LAVS DEO.